

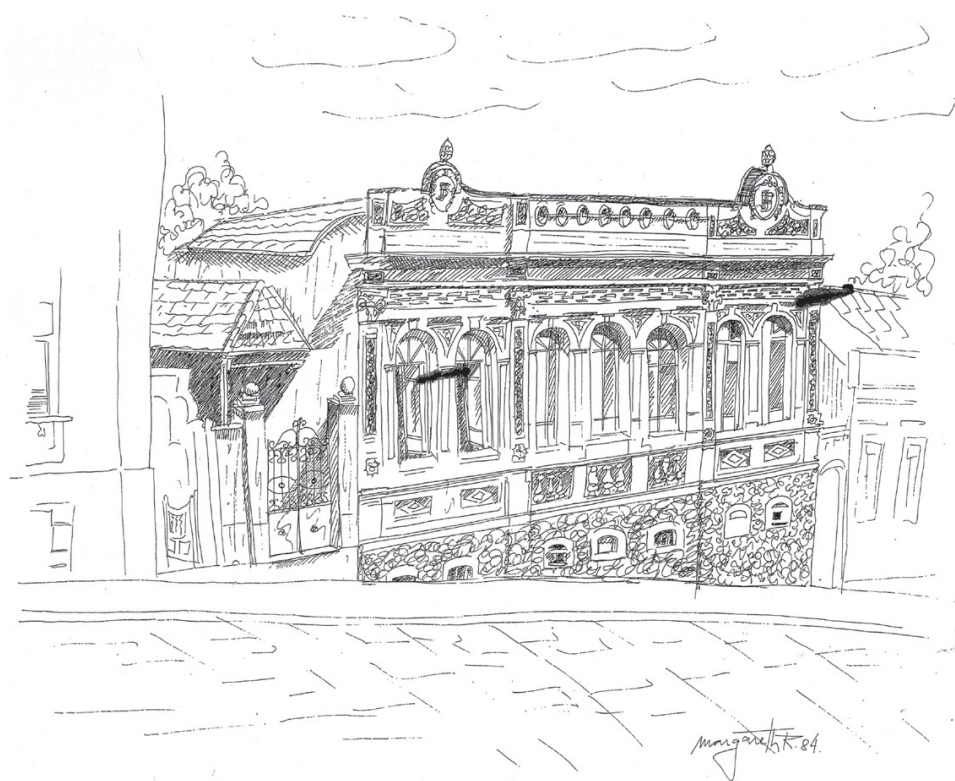
Zezé Barbosa

Aparecida da minha infância

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

O Palacete do Barbosa



Registrado em 1984 por Margareth Maria, minha filha, em um esboço a bico de pena. Apenas uma das centenas de obras de arte que criou em vida. Um talento inigualável que expressou, desde muito pequena, no papel, na madeira, nas telas, nos tecidos, em porcelanas, cerâmica, vidros e em tudo o mais que lhe parecesse importante; como jardins, literatura, poesia, decoração, tapeçaria, móveis e objetos. Um acervo inestimável.

Uma vida inteira dedicada à arte!



*Para minhas filhas Teresa Maria e Elizabeth
Cristina que tanto me incentivaram.
Com a ajuda delas, este livro pôde se tornar realidade.*



A Praça Nossa Senhora Aparecida



A cidade nos anos de 1940

No final da década de 1930 a Praça Nossa Senhora Aparecida era um dos locais preferidos da criançada que morava pelas redondezas. O lugar era bom para brincar. Tranquilo, arborizado, com bancos e rodeado de pontos comerciais que recebiam os romeiros. Eu morava na Rua Santos Dumont, ali pertinho.

Meu pai, João Ferreira Barbosa, e o tio Ângelo Pasin eram sócios num armazém chamado “Casa Mineira” que também ficava logo atrás da igreja, na antiga Rua Major Martiniano.

Na época, minha melhor amiga era a prima Cida Pasin, filha do tio Ângelo. Andávamos por todos os cantos e uma das nossas diversões preferidas era olhar as novidades nas lojas, principalmente a do José Gorra Ubaide que vendia bonecas. Lembro bem dos estabelecimentos daquele tempo. Olhando de frente para a igreja no lado direito estavam a farmácia do Américo Alves, o Hotel do Carlos Wendling (Nenê), uma casa, a loja do Jorge Abdalla com o Royal Hotel na parte superior (que depois se uniu ao hotel dos padres, mantendo o mesmo nome), a loja do José Gorra (com o sobrado da família). Na sequência, vinham as lojas de José Elache, Jorge Salomão Kopaz, João Goussain, Antonio Samahá, a casa do Américo Alves, as lojas do João Matuck, e do Ragi Ayub, o Hotel das Famílias, as lojas da família Monair e a loja do Tuffay Chad.

Do lado esquerdo estavam o sobrado do Comendador Salgado, a loja do Jorge Ferreira, o Hotel Central, a loja do Gebran Chad, o Convento dos Padres, a loja do Abdo Felix, a Sala dos Milagres, o Salão Paroquial. Não me lembro da loja na esquina com a Travessa 17 de Dezembro, mas sei que, nos anos 40/50, chamou-se loja São João, de propriedade de João Gebran Chad. Ah, não posso esquecer que também tinha o ponto final da linha do Bonde que ligava Aparecida à Guaratinguetá. Essa parada ficava em frente à farmácia.

A maioria das lojas oferecia lembranças religiosas. Para mim, que tinha uns 10 anos, a que mais se destacava era a “*Au Bon Marché*”, do Sr. Felix, porque na vitrine havia um bonequinho negro, de uns 80 centímetros, de boné e cigarro na mão. Ele movia o braço levando o cigarro à boca e era uma atração para as crianças. Tufai Chad vendia roupas, tecidos, meias e capas de boiadeiro, entre outras coisas.

Gebran Chad vendia armas em geral e Jorge Ferreira tinha um armarinho com todo tipo de tecidos e aviamentos, para a confecção de roupas.

Na praça eram poucos os vendedores ambulantes. Pipoqueiros, a Judite que vendia cocadas no portão da igreja, uma senhora que vendia bolinhos de fubá recheados com carne e, na época de pinhão, um vendedor que trazia os frutos cozidos, embrulhados num saquinho de jornal, que nós gostávamos de comer no cinema.

Lembro-me que a primeira “Caixinha” foi criada por seu Américo Alves, para ajudar uma empregada. Ela, sentada ao lado da porta da casa dele, ali mesmo na calçada à direita da Basílica, vendia o bálsamo e o óleo “Nossa Senhora Aparecida”.

O melhor hotel da praça e da cidade, o Royal, depois chamado de Recreio, era também o mais caro. Festas de casamentos, tanto de pessoas da cidade quanto de hóspedes que vinham se casar em Aparecida, eram realizadas ali. Depois, vinha o Hotel Central, que foi do papai. Como ele ocupava-se integralmente do armazém, quem gerenciava o estabelecimento era a funcionária Maria Turca. Casada com Joaquim Lourenço, moravam do bairro de Santa Rita. Em 1921, meu pai vendeu o Hotel Central para o senhor Camillo de Lellis da Gama Valle; Maria Turca continuou trabalhando lá por muitos anos. O hotel está com a família Lellis Andrade até hoje. Além do Hotel Central, papai também foi proprietário dos hotéis Glória, vendido para Epiphanio Rezende, e o Bela Vista, que ficou para meu irmão, Leontino Barbosa. Ambos eram localizados na Ladeira Monte Carmelo.

Entre as lojas, a mais fina e bonita, sem dúvida nenhuma, era a de José Gorra. Com muitas vitrines, vendia coisas lindas como missais com capas de madrepérola, terços finíssimos e

EDITORIA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Sabon LT Std pela Editora Penalux e impresso em papel off-white 80 g/m², em maio de 2023.
